



University of  
Texas Libraries



e-revist@s



Centro Universitário Santo Agostinho

revista fsa

www4.unifsanet.com.br/revista

Rev. FSA, Teresina, v. 22, n. 11, art. 6, p. 101-121, nov. 2025

ISSN Impresso: 1806-6356 ISSN Eletrônico: 2317-2983

<http://dx.doi.org/10.12819/2025.22.11.6>

DOAJ DIRECTORY OF  
OPEN ACCESS  
JOURNALS

WZB  
Wissenschaftszentrum Berlin  
für Sozialforschung



## Questões de Gênero e Educação a Distância: A Preferência de Estudantes Universitárias por essa Modalidade de Ensino

### Gender Issues and Distance Learning: University Students' Preference for this Education Modality

**Jéssica de Jesus Rocha**

Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul Campus de Naviraí

E-mail: [jhesyrocha@hotmail.com](mailto:jhesyrocha@hotmail.com)

**Josiane Peres Gonçalves**

Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Professora titular da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

E-mail: [josianeperes7@hotmail.com](mailto:josianeperes7@hotmail.com)

---

#### Endereço: Jéssica de Jesus Rocha

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul Campus de Naviraí. MS-141, 04, Naviraí - MS, 79950-000. Brasil.

#### Endereço: Josiane Peres Gonçalves

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul Campus de Naviraí. MS-141, 04, Naviraí - MS, 79950-000. Brasil.

**Editor-Chefe: Dr. Tonny Kerley de Alencar Rodrigues**

Artigo recebido em 12/10/2025. Última versão recebida em 23/10/2025. Aprovado em 24/10/2025.

Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review pelo Editor-Chefe; e b) Double Blind Review (avaliação cega por dois avaliadores da área).

Revisão: Gramatical, Normativa e de Formatação



## RESUMO

O trabalho aborda questões de gênero e trata das vivências de estudantes do ensino superior e teve o objetivo de averiguar como mulheres universitárias de curso na modalidade a distância, que são donas de casa, mães, estudantes e profissionais em outros setores, conseguem conciliar suas vivências diante dessa extensa jornada de atividades. Quanto aos termos metodológicos, adotamos uma pesquisa de natureza qualitativa, sendo que a coleta de dados ocorreu por meio de entrevistas semiestruturadas com três mulheres que estudavam Pedagogia, na modalidade presencial ou semipresencial, em um município do interior do Estado de Mato Grosso do Sul. De acordo com os resultados obtidos, constatamos que há ainda diversas diferenças e desigualdades entre os gêneros, quando se trata de divisão de atividades domésticas, cuidado dos filhos, entre outros, pois as participantes costumam priorizar essas atribuições e deixar os estudos para segundo plano. Outros dados demonstram que as mulheres do interior têm optado por fazer cursos de ensino superior por razões pessoais, como melhorar suas condições e qualidade de vida. No entanto, o fato de escolherem fazer a modalidade a distância, se dá pela preocupação em cuidar dos filhos, responsabilidades domésticas e questões relativas à maternidade.

**Palavras-chave:** Educação Superior. Ensino a Distância. Gênero. Mulheres.

## ABSTRACT

The study addresses gender issues and the experiences of higher education students. It aimed to investigate how women distance learning university students—who are housewives, mothers, students, and professionals in other sectors—manage their lives while undertaking this extensive workload. Regarding the methodology, we adopted a qualitative research approach, with data collection occurring through semi-structured interviews with three women studying Pedagogy, either in-person or blended, in a municipality in the interior of the state of Mato Grosso do Sul. According to the results, we found that there are still several differences and inequalities between the genders when it comes to the division of household chores and childcare, among other tasks, as participants tend to prioritize these responsibilities and relegate their studies to the background. Other data demonstrate that women in the interior have chosen to pursue higher education courses for personal reasons, such as improving their living conditions and quality of life. However, the fact that they choose to do the distance learning modality is due to the concern about taking care of children, domestic responsibilities and issues related to motherhood.

**Keywords:** Higher Education. Distance Learning. Gender. Women.

## 1 INTRODUÇÃO

Ao analisar a questão da inserção de mulheres que são mães, profissionais e cursam o ensino superior, é possível notar que não se enfatiza a questão dos cursos na modalidade a distância, embora esses tenham muita relação com as questões de gênero. Deveras, as universitárias que estudam em instituições privadas normalmente têm uma extensa jornada de funções, mesmo se as aulas ocorram na modalidade 100% a distância ou na modalidade semipresencial, que pode variar de um a dois encontros na semana.

Partindo desse contexto, surgiu a necessidade de melhor entender essa realidade, justificando assim a realização da presente pesquisa que teve o propósito de averiguar como mulheres universitárias de curso na modalidade a distância, que são donas de casa, mães, estudantes e profissionais em outros setores, conseguem conciliar suas vivências diante dessa extensa jornada de atividades.

A problemática dessa pesquisa está voltada para responder à seguinte indagação: Como as estudantes universitárias, de instituições de ensino privado, na modalidade a distância, que possuem tripla jornada de trabalho, conseguem conciliar suas diversas atividades?

A fim de encontrar possíveis respostas para tal indagação, foi realizada uma pesquisa bibliográfica e de campo, cuja coleta de dados se deu por meio da gravação de entrevistas individualizadas com três mulheres que cursavam Pedagogia em duas faculdades a distância de um município localizado no interior do Estado de Mato Grosso do Sul.

Dessa forma, o presente texto encontra-se assim organizado: inicialmente discorreremos sobre a conquista do direito à educação da mulher, em específico ao que diz respeito ao ensino superior no Brasil; em seguida, descrevemos a metodologia de pesquisa, para então apresentarmos os resultados e análise dos dados coletados; por fim, apresentamos as considerações finais a respeito do assunto e as referências utilizadas para a realização da pesquisa.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 Educação superior no Brasil e inserção feminina

Iniciamos este tópico abordando os aspectos históricos da conquista feminina ao direito à educação, recorrendo aos pressupostos de Tavares (2012) de que a evolução histórica

do papel das mulheres na sociedade, na academia e no mundo do trabalho evidencia a ausência de direitos que elas tiveram desde os primórdios da humanidade, mas que elas vêm buscando, por meio de lutas e conquistas, sair da obscuridade e do anonimato. Fica claro então que o papel da mulher ao longo dos séculos foi passando por diversas mudanças até constituir a forma como o conhecemos na atualidade. Entretanto, a presença feminina na História, nas ciências e nos diferentes segmentos sociais sempre fora esquecida.

Nesse sentido, Pereira e Favaro (2017), ao analisar o percurso histórico das mulheres brasileiras no ensino, apontam que desde o início elas enfrentaram diversas dificuldades para obterem o direito à educação escolar e dificilmente elas recebiam a mesma educação que os homens. Corroborando com tais ideias, Luckesi *et al* (2003) ressaltam que as mulheres passaram a ter direito à instrução escolar tardiamente e que a educação feminina se restringia somente a aprender os trabalhos domésticos e maternos, para ser uma boa esposa e mãe.

Quanto ao ensino superior, que é foco do presente estudo, este nível de ensino foi instituído no Brasil com a vinda da Corte em 1808, contudo somente foram consolidadas na criação das aulas régias com Marquês de Pombal, após a expulsão dos Jesuítas e deram continuidade na era Joaninas, devido às novas necessidades militares da Colônia. Porém, essas atividades educacionais eram voltadas exclusivamente para estudantes do sexo masculino, porque as mulheres tiveram possibilidade de ter acesso ao ensino superior somente no final do século XIX, com a aprovação por D. Pedro II de uma lei que autorizava a presença feminina na graduação superior. Em decorrência dessa legislação, em 1887, a então estudante Rita Lobato Velho Lopes tornou-se pioneira em obter o diploma de ensino superior na Faculdade de Medicina da Bahia. Entretanto, poucas eram as mulheres que conseguiam entrar em uma faculdade, porque “[...] durante o século XIX e a primeira metade do século XX, a exclusão feminina dos cursos secundários inviabilizou a entrada das mulheres nos cursos superiores” (BELTRÃO; ALVES, 2009, p. 128).

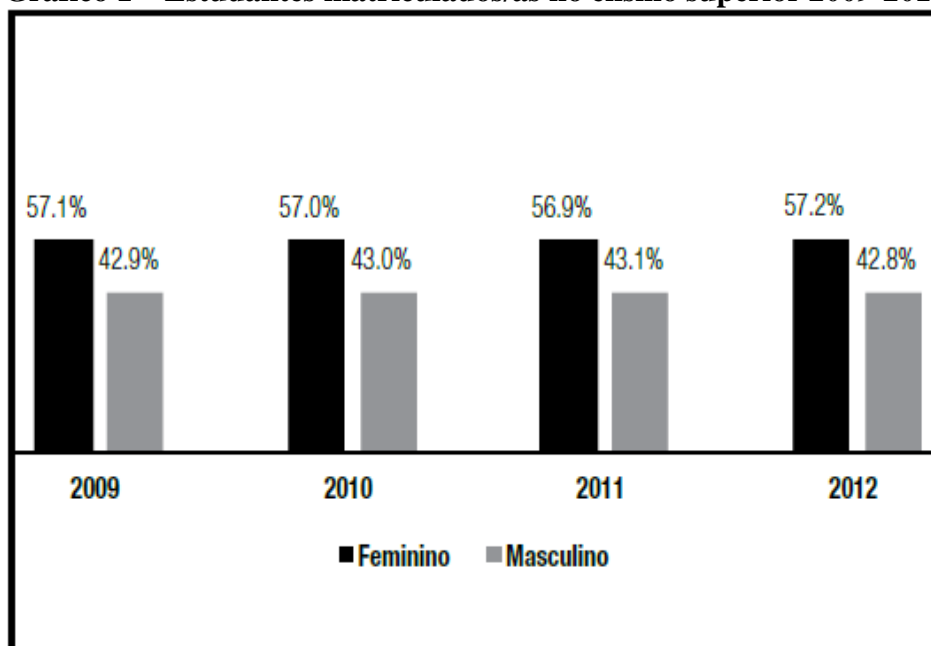
De acordo com Beltrão e Alves (2009), no período chamado pacto Populista, de 1945 a 1964, surgiram grupos de pressão popular que pediam a democratização do ensino, ainda assim a expansão do ensino superior para as mulheres demorou a acontecer, visto que:

[...] somente em 1961, através da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira – LDB –, foi garantida equivalência de todos os cursos de grau médio, abrindo a possibilidade para as mulheres que faziam magistério de disputar os vestibulares. Portanto, foi a partir dos anos 1960 que as mulheres brasileiras tiveram maiores chances de ingressar na universidade, e foi nos anos 1970 que começou a reversão do hiato de gênero no ensino superior. (BELTRÃO; ALVES, 2009, p. 130).

Além do mais, o crescimento demográfico e a urbanização do país, entre outros fatores, contribuíram para um grande aumento da demanda por educação a partir de 1960. Entretanto, esse quadro mudou na década de 1980, quando a economia do país sofreu com sucessivas crises e estagnação, refletindo assim no setor educacional, principalmente pela diminuição da procura pelo ensino superior. Na década de 1990 novas mudanças econômicas e tecnológicas ocorreram e, diante de um novo cenário nacional e internacional, surgiu a necessidade de intensificar a busca pelo ensino superior, devido às novas e crescentes exigências sociais (BORGES; CARNIELLI, 2005).

Compactuando com as mesmas ideias sobre a década de 1990, Beltrão e Alves (2009, p. 130-131) esclarecem que: “No ensino superior, registrou-se um grande crescimento das universidades privadas, que ultrapassaram em muito o número de estudantes matriculados na universidade pública. A expansão geral das vagas no ensino brasileiro favoreceu especialmente o sexo feminino”. Já no Século XX, podemos notar que aumentou e muito a inserção das mulheres no ensino superior, como pode ser observado por meio do Gráfico 1:

**Gráfico 1 – Estudantes matriculados/as no ensino superior 2009-2012**



Fonte: Inep/Censo da Educação Superior, 2014.

Nesse cenário em que as mulheres tiveram maior possibilidade de acesso ao ensino superior, houve maior participação do sexo feminino no mercado de trabalho, conforme Tavares (2012), seja por vontade própria, seja para aumentar a renda da família. Além do mais, o número de filhos foi diminuindo e houve aumento do grau de escolaridade, contribuindo assim para a ampliação da inserção da mulher em diversos espaços profissionais.

Apesar dessa conquista feminina, alguns problemas surgiram em decorrência do acúmulo de atividades que deveriam ser desempenhadas pelas mulheres. Assim, Barbosa e Coutinho (2007) ponderam que muitas mulheres enfrentam as dificuldades para se manterem na universidade, devido à tripla jornada tão comum nesse meio. Tal fato ocorre porque, mesmo com o crescente incentivo para que as mulheres estudem e invistam em uma carreira profissional, ainda há cobranças para que essas mesmas mulheres desempenhem os papéis de esposa e mãe. Tais cobranças sociais não correspondem com a possibilidade de as mulheres desempenharem tantas funções ao mesmo tempo e com qualidade, fazendo com que muitas se sintam culpadas por não conseguirem corresponder ao que delas é esperado pela sociedade.

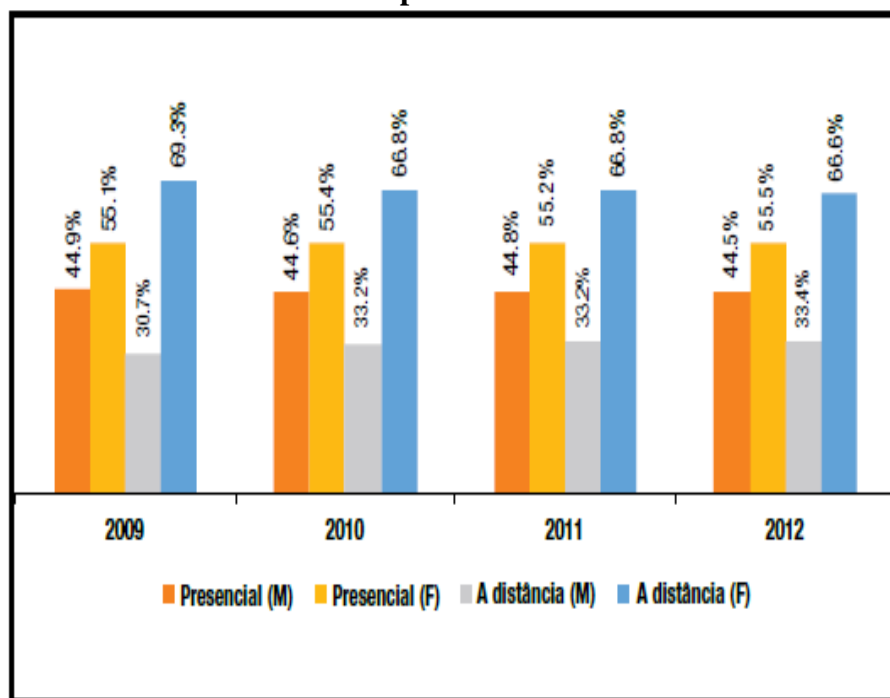
No entanto, é preciso considerar que, segundo Heimburg (2016), as mulheres foram socialmente condicionadas às vontades de uma cultura machista e como consequência elas sofreram sanções de diversas ordens. Algumas dessas sanções correspondem a ter que assumir o papel de mãe, ser responsável pela casa, pelo bem-estar da família, ainda desempenhar funções que são acumuladas com o trabalho fora de casa e com as atividades inerentes à formação profissional.

Outro ponto analisado por Torini (2012), em relação à educação superior na atualidade, refere-se ao público que compõe o quadro discente. Diante da expansão do ensino superior e das políticas de ações afirmativas, encontram-se presentes nas universidades estudantes negros, indígenas, quilombolas e de escolas públicas e tal realidade amplia as discussões sobre a importância de haver creches nos espaços universitários. Porém, o autor alerta que a universidade nunca foi um lugar para crianças e, por esse motivo, pouco tem se discutido sobre a necessidade de creches para alunas e servidoras que possuem filhos pequenos. Sem sombra de dúvidas, esse tipo de iniciativa ajudaria e muito as estudantes do gênero feminino que estão inseridas no ensino superior brasileiro.

Cabe ressaltar que a expansão do Ensino superior, citada por Torini (2012), também engloba o oferecimento de cursos na modalidade a distância e semipresencial, sendo que a maioria das instituições a distância é de cunho privado e nos cursos oferecidos predomina a área de Ciências Humanas, que costuma ser mais procurada por estudantes do gênero feminino.

Em relação à educação presencial e a distância, o relatório do INEP (2014) aponta que entre os anos de 2009 e 2012, o cenário existente no Brasil correspondia ao apresentado por meio do Gráfico 2:

**Gráfico 2 – Matrículas – cursos presenciais e a distância 2009-2012**

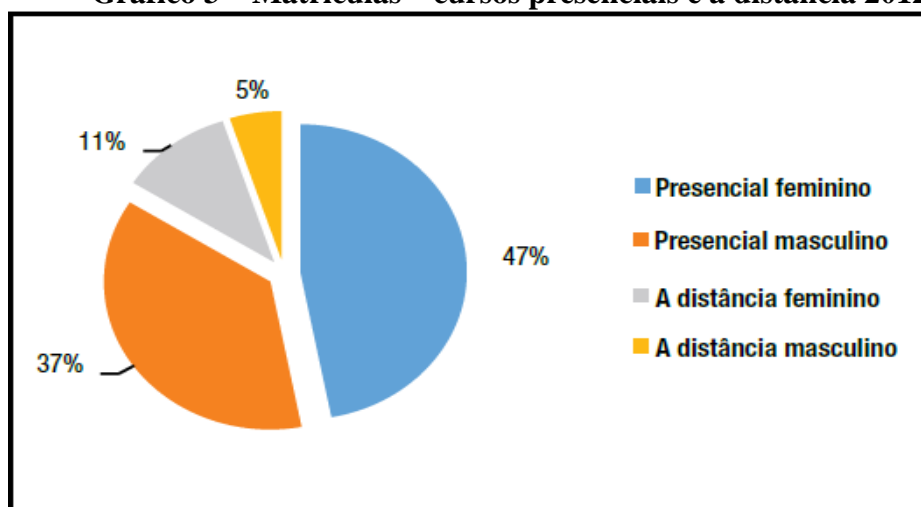


Fonte: Inep/Censo da Educação Superior, 2014.

Nota-se que as mulheres são maioria no ensino superior, tanto no ensino presencial, quanto a distância, porém nessa última modalidade as mulheres correspondiam a 66,6%, enquanto os homens somavam apenas 33,4% do total de estudantes.

Quanto às matrículas do ensino superior no ano de 2012, evidencia-se que o ensino a distância correspondia a 16% do total e o ensino presencial correspondia a 84%, como pode ser observado por meio do Gráfico 3:

**Gráfico 3 – Matrículas – cursos presenciais e a distância 2012**



Fonte: Inep/Censo da Educação Superior, 2014.

É possível notar que em 2012 o número de mulheres que frequentavam o ensino superior a distância correspondia a 11%, enquanto os homens eram 5% do total de estudantes brasileiros. No ensino presencial, a diferença entre homens e mulheres é bem menor, mas no ensino a distância a grande maioria é composta por estudantes do gênero feminino. Tal dado sugere que, possivelmente, as mulheres tenham priorizado o ensino a distância para ter condições de ficar mais tempo em casa, cuidando dos filhos e das atividades domésticas, evitando assim ter que se ausentar todos os dias ou noites para frequentar as aulas do ensino superior.

## **2.2 A mulher, esposa, trabalhadora, universitária e mãe**

De acordo com os dados do Plano Nacional de Qualificação, do Ministério do Trabalho e Previdência Social – MTPS, as mulheres lideram a presença em escolas, universidades e cursos de qualificação. Apesar de revelar um avanço significativo no âmbito de sua escolarização, o estudo evidencia que as mulheres ainda estão sujeitas a uma menor remuneração em relação aos homens, mesmo que desempenhem uma atividade idêntica a eles (BRASIL, 2016).

Contudo, essa crescente inserção feminina na educação superior e no mercado de trabalho nas últimas décadas colabora para reforçar alguns dilemas que ainda comprometem a construção da igualdade de gênero no que toca às condições sociais, culturais e econômicas vivenciadas pelas mulheres em relação ao uso do tempo para estas estudarem, trabalharem, cuidarem da família e cuidarem de si mesmas (ARAÚJO, 2006; SORJ *et al.* 2007).

Porém, para Barros e Melo (1975), o fato de as mulheres serem maioria entre estudantes universitários brasileiros é um evento relativamente recente, considerando que, em 1956, elas representavam 26% do total de matriculados/as e, em 1971, não passavam de 40%. As acadêmicas que são mães dividem o tempo entre cumprir os prazos impostos pela faculdade e o cuidado com os filhos, negligenciando muitas vezes seu estado físico e emocional com o acúmulo de tarefas.

Além disso, os cursos de graduação em pedagogia parecem exigir que as alunas tenham maior disponibilidade para estágios e desenvolvimento de trabalhos, todos com prazos pré-estabelecidos pelo calendário acadêmico da universidade e matriz curricular do curso. E essa carga de atividades faz com que essas estudantes enfrentem um conjunto de funções e responsabilidades divididas entre casa, trabalho e formação.



De acordo com Barreto (2014), a jornada média das mulheres nas atividades domésticas é mais que o dobro da jornada masculina, já que os números indicam 20,6 horas/semana para mulheres e 9,8 horas/semana para os homens. Articulando a jornada profissional com a doméstica, as mulheres trabalham um total de 56,4 horas e os homens 51,6 horas, contabilizando cinco horas a mais para as mulheres.

Essa carga de atividades faz com que essas acadêmicas acabem vivendo triplas funções e responsabilidades divididas entre casa, trabalho e ensino. E muitas vezes suas próprias necessidades pessoais são deixadas de lado. (AIZAWA; AZEVEDO, 2022).

Além disso, muitas mulheres trabalhadoras representam, em boa medida, o provimento econômico de suas famílias, sendo estas também com percentual maior de escolaridade, por isso sua inclusão no meio acadêmico tem sido crescente. (NUNES, 2015).

Desde então, as mulheres vêm sendo a maioria em todos os níveis de ensino no país, principalmente o superior. No entanto, um dos maiores desafios das mulheres atualmente, porém, é o de poder adentrar em cursos que ainda continuam sendo predominantemente masculinos e de conseguir permanecer na universidade.

Entretanto, Suarez (2016) destaca que, no campo da educação superior, a colisão entre maternidade, profissão e família também está presente e se acentua em razão da competitividade entre a mulher e o homem e entre as próprias mulheres, sendo que a academia exige da mulher maior produção científica, para que ela seja reconhecida com o mesmo potencial que o homem.

Do mesmo modo, Bianchetti (2006) alerta que o uso do tempo entre os acadêmicos é pensado por meio da palavra “prazos”. Todos os estudantes universitários sofrem com eles, que são muitas vezes apertados, mas para as estudantes que são mães, que dividem o tempo entre cumprir os prazos impostos pela faculdade e o cuidado com os filhos, é ainda mais desafiador, negligenciando assim seu estado físico e emocional com o acúmulo de tarefas. Devido a tal realidade, para muitas mulheres trabalhadoras e estudantes a dificuldade de se manter em curso de graduação se dá principalmente no sentido de conciliar seus afazeres domésticos, familiares, seu trabalho e os estudos.

Observa-se que, embora a presença da mulher no ensino superior tenha aumentado nas últimas décadas no Brasil, ainda permanecem situações discriminatórias, que não se caracterizam mais pelo impedimento do acesso ao ensino superior, visto que o que vem ocorrendo, no próprio interior do sistema de ensino, é que a discriminação passou a ocorrer no processo de escolha das carreiras, como destacam Ávila e Portes (2009, p. 95):

[...] as preferências quanto à escolha dos cursos foram se construindo ao longo do processo de escolarização dos sujeitos femininos e masculinos, dando origem a áreas demarcadas como mais ‘femininas’, como a área das ciências humanas e a maior parte dos cursos da saúde, ou mais ‘masculinas’, como aqueles da área das ciências exatas e carreiras tecnológicas.

Esse paradigma de inferiorização socialmente construído coloca de um lado as profissões mais ocupadas pelas mulheres e por isso com salários inferiores e de outro, as do sexo masculino, com prestígio garantido no mercado de trabalho, conforme Lauxen *et al.* (2017). Tais contraposições segregam a desigualdade de gênero que persiste ainda na sociedade contemporânea, apesar dos grandes avanços já conquistados pelas mulheres brasileiras.

### 3 METODOLOGIA

Esta pesquisa é de natureza qualitativa e de cunho explorativo. Segundo Minayo (2010), a metodologia inclui as concepções teóricas de abordagem, o conjunto de técnicas que possibilitam a construção da realidade e a análise que permite melhor compreender a realidade investigada.

Ademais, o método qualitativo, na contramão do método quantitativo, não se utiliza de instrumentos estatísticos, mas se preocupa em analisar e interpretar a realidade de maneira mais detalhada, buscando apresentar a complexidade do comportamento humano, possibilitando uma análise mais profunda dos conceitos, hábitos, comportamentos, atitudes, etc. (LAKATOS; MARCONI, 2011).

Partindo do princípio de que em pesquisa qualitativa não há uma verdade única, visto que sempre podem ocorrer modificações nos resultados obtidos, o pesquisador deve então tentar chegar ao máximo a uma conclusão coerente. Desse modo, o “[...] trabalho qualitativo exige métodos rigorosos, que sejam capazes de explicitar que o investigador chegou o mais perto possível do fenômeno, portanto suas conclusões não se dão na base de suas crenças individuais” (MALHEIROS, 2011, p. 189). Desse modo, acreditamos que essa metodologia se envolve diretamente com nosso objeto de estudo porque iremos colher e analisar dados diretamente do fenômeno em questão.

A primeira etapa deste trabalho deu-se por meio de pesquisa bibliográfica e documental em livros, artigos científicos *online* e impressos, entre outros meios, para que pudéssemos obter conhecimentos a respeito da parte histórica da inserção da mulher na universidade e no mercado do trabalho, as dificuldades e desafios enfrentados por elas.

A segunda etapa da pesquisa consistiu no processo de coleta de dados, que buscou, a partir do material teórico, investigar sobre a realidade de mulheres mães universitárias, tendo como foco as seguintes temáticas: família, trabalho, curso a distância e relação entre a vida pessoal, acadêmica e profissional.

Após a elaboração de roteiro com perguntas básicas e principais direcionadas ao alcance do objetivo desta pesquisa, foram gravadas entrevistas com estudantes do gênero feminino que cursavam Pedagogia em uma faculdade que ofertava o curso semipresencial e em outra que ofertava o curso totalmente *online*, em um município localizado no interior do Estado de Mato Grosso do Sul. A princípio, foram estimadas, antecipadamente, dez alunas nessa condição, entretanto apenas três concordaram em fazer parte da pesquisa, sendo que duas aceitaram fazer a entrevista gravada e uma optou por responder a questões por escrito. A coleta de dados foi realizada entre os meses de junho a agosto de 2019. Optamos pela realização da entrevista, por crer que ela nos proporcionaria melhor apreensão dos objetivos propostos.

Quanto ao perfil das participantes, foi feita a opção por identificá-las pelos nomes de Ana, Milena e Keila, a fim de manter suas identidades preservadas. As principais características de cada uma delas são:

**Ana:** tinha 30 anos de idade, divorciada, 2 filhos, um de 10 e outro de 12 anos de idade, trabalhava 8 horas por dia fora do lar em um comércio.

**Milena:** tinha 22 anos de idade, casada havia mais de três anos, tinha um filho com mais de 1 ano de idade, trabalhava 6 horas por dia como estagiária remunerada. Milena tem um canal no *Youtube* e um perfil no *Instagram*, nos quais ela manifesta suas opiniões a respeito da maternidade e seu cotidiano como mãe.

**Keila:** tinha 22 anos de idade, casada havia 07 anos e mãe de uma filha de 7 meses. Durante a realização de entrevista, ela não estava trabalhando, mas logo iria trabalhar 6 horas por dia como estagiária remunerada.

Após a coleta de dados, foram feitas as transcrições, organização e análise dos dados, por meio da tabulação em um quadro, o qual nos possibilitou maior visibilidade dos trechos mais significativos, resultando na elaboração de um artigo científico para Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia da UFMS, campus de Naviraí.

#### 4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Tendo em vista que as participantes da pesquisa cursavam o ensino superior a distância, elas comentaram sobre a organização das aulas e duas participantes disseram que era semipresencial, com encontros uma vez por semana, enquanto uma disse que o curso era 100% a distância. Assim elas relataram: “Vou para a faculdade às quintas-feiras, no período noturno” (Ana). “O dia da semana em que estudo [presencialmente] é na quinta-feira à noite” (Milena). “Eu estudo *online*. Não tem dia, é só *online*. As provas são aplicadas em um dia da semana e a gente é que escolhe na plataforma” (Keila).

As três participantes da pesquisa, ao serem indagadas sobre o motivo pelo qual resolveram cursar o ensino superior, assim relataram: “Para ter um futuro melhor, conseguir um emprego melhor e ganhar mais.” (Ana); “Eu decidi cursar o curso superior porque eu tinha acabado de encerrar o ensino médio e eu não queria ficar acomodada, então logo lá no encerramento do ensino médio, eu já sabia que queria ingressar na universidade.” (Milena); e “Decidi fazer o curso superior para ter uma oportunidade na vida, ter uma profissão e ser independente.” (Keila).

Interessante notar que as três mulheres citaram questões pessoais para buscar o ensino superior, como a necessidade de evoluir, de melhorar as condições de vida e de conquistar a independência, sem, contudo, citar os filhos ou a família como sendo o principal motivo para avançar nos estudos. Trata-se de respostas importantes e que diferem de uma pesquisa realizada por Gonçalves e Ternovoe (2017), em um município do interior de MS, com cinco mulheres que cursavam o ensino superior presencialmente e que também trabalhavam fora, cuidavam de casa e dos filhos, as quais disseram que resolveram ingressar na universidade para tentar garantir um futuro melhor para os filhos, bem como garantir o conforto de sua família. Ou seja, as cinco mulheres que participaram da pesquisa anterior estudavam para atender às necessidades dos filhos ou da família, enquanto as três mulheres, participantes da presente pesquisa, estudavam para atender às necessidades pessoais. Se analisarmos essas diferenças de opiniões sob a perspectiva de gênero, podemos dizer que houve um avanço, porque em geral as mulheres que são mães costumam se preocupar primeiramente com os filhos e depois consigo mesmas, já no caso da Ana, da Milena e da Keila, as necessidades pessoais é que são entendidas como prioridades, quando se trata de investir na própria formação.

As três mulheres que participaram da pesquisa também comentaram sobre as influências que tiveram na opção por cursar o ensino superior e na escolha do curso. Assim elas recordaram:

Eu fui influenciada na verdade pela minha família. Após a separação, eu estava desempregada, aí a minha família me deu força para fazer a faculdade e conseguir um emprego (Ana).

Foi opção minha ingressar na universidade. Eu decidi cursar ensino a distância porque no início que eu ingressei, eu tinha uma carga horária de trabalho muito grande. Então ficaria cansativo para mim se eu entrasse na universidade, que fosse todos os dias (Milena).

Tive influência de primas. Na verdade assim, eu quis fazer Pedagogia, pois seria um curso que facilitava mais para eu entrar no mercado de trabalho [...] Eu fiz o ENEM para conseguir a bolsa, porque sabia que seria fácil de conseguir. Foi por esse motivo também (Keila).

Quanto à opção por fazer um curso a distância, as três participantes evidenciaram que questões como filhos e trabalho influenciaram nessa decisão. A Ana afirmou que “Foi por falta de tempo mesmo, como eu sou sozinha [...] não posso deixar eles [filhos] muito tempo sozinhos e como é uma vez só na semana, para mim é mais vantajoso.” A Milena salientou: “Então, eu decidi cursar o ensino a distância porque a carga horária que eu trabalhava era muito grande e eu pensei assim que, se por acaso eu entrasse em outra Universidade, que tivesse que ir todos os dias, eu poderia acabar desistindo.” Já a Keila destacou:

Na verdade, assim, eu troquei de faculdade por causa da minha filha. Eu entrei primeiro lá na UFMS, mas quando eu engravidei, eu saí [...] eu mudei para o curso a distância [...] Eu não tinha mais como continuar na outra, entendeu? Eu já quis mudar logo, porque como ele [esposo] trabalha à noite, eu não tenho ninguém para deixar a neném e seria ruim para mim ou ir com ela para a faculdade também, entendeu? Então eu preferi mudar (Keila).

Para Giebelen Brennand e Almeida (2013), o principal motivo de as mulheres buscarem o ensino a distância está relacionado às questões de gênero, mas também porque elas buscam uma qualificação mais rápida e flexibilizada nos horários, para que possam se dedicar a outras atividades de suas jornadas. No caso das três mulheres entrevistadas para este estudo, é possível notar que as questões de gênero estão sim muito presentes na escolha pelo curso a distância, visto que duas participantes disseram que não poderiam deixar os filhos sozinhos, para poderem frequentar um curso presencial, e uma citou o acúmulo de atividades por trabalhar fora de casa.

Nesse sentido, Heimbarg (2016) salienta que as mulheres, desde os tempos mais remotos, foram condicionadas às vontades de uma cultura machista e atualmente, embora

tenham se ocupado de muitas atividades externas ao lar, atuando como profissionais em diversas áreas, elas ainda são as principais responsáveis pelos cuidados dos filhos. Talvez esse fato explique o motivo pelo qual, no Brasil, as pessoas que optam por cursos superiores a distância sejam predominantemente do gênero feminino (INEP, 2014).

Mas se essas mulheres que estudam a distância entendem que essa modalidade de ensino é favorável, porque elas podem ficar mais tempo em casa, cabe então refletir sobre as condições que essas mesmas estudantes têm para conseguir realizar os seus estudos em seus lares e com qualidade. Dessa forma, ao serem questionadas sobre o horário e como as participantes da pesquisa se organizavam para estudar em casa, elas assim relataram:

À noite quando chego do serviço. [...] Ah, então, não é fácil, porque eu sou sozinha, e, como eu tenho dois meninos, a gente chega em casa e tento me programar [...], deixo algumas coisas prontas e outras para eles fazerem. A gente vai se organizando daqui, se organizando dali e tudo dá certo. (Ana).

Horário que eu consigo me organizar para estudar, para pesquisar alguma coisa, para fazer trabalhos..., é no horário noturno porque meu marido está em casa. [...]. Então como eu me organizo? Eu coloco tudo o que é prioridade para mim, que hoje é o fato de eu ser mãe. Então a minha prioridade, que eu deixo tudo que eu tenho para fazer de lado, é cuidar do meu filho, depois se tiver algum trabalho, se eu tiver que fazer alguma pesquisa para levar na faculdade, se eu tiver prova, depois que eu cuidar do meu filho, depois que eu conseguir me organizar com ele, então eu vou dar andamento nessa responsabilidade que são os estudos. E assim o trabalho também é a minha terceira prioridade. Eu trabalho e depois vem as outras coisas, mas eu consigo conciliar muito bem essas atividades, pois eu tenho um companheiro que me ajuda muito [...], então às vezes fica mais fácil (Milena).

A hora que ele [esposo] dorme de dia com ela [filha], eu tento assistir algum vídeo aula. [...] Ah eu tento conciliar as coisas, né? Mesmo que a minha casa seja pequena, eu só tenho uma filha e meu marido me ajuda muito, mesmo assim é uma rotina bem cansativa e ela [filha] ainda é pequena. Agora que eu estou tentando criar uma rotina para ela, porque a rotina dela mudou várias vezes. Então se eu acordo ela mais cedo, e consigo me organizar melhor com as coisas de casa, e quando ela cochilar eu estudo e ao acordar vou poder estar disponível com ela (Keila).

Tais relatos sugerem que de fato há uma preocupação por parte da Ana, da Milena e da Keila em tentar se organizar para estudar, mas a realidade é que primeiro elas precisam se ocupar do trabalho externo, dos afazeres de casa e do cuidado dos filhos, para então poderem se dedicar aos próprios estudos. Essa realidade sinaliza que novamente as questões de gênero se fazem presentes, uma vez que primeiro as mulheres precisam atender às suas várias atribuições domésticas, maternas e profissionais para então poderem se dedicar aos estudos. Nesse cenário, Araújo (2006) e Sorj *et al.* (2007) pontuam que, apesar dos avanços e da visibilidade feminina no meio universitário, são presentes ainda as desigualdades entre os gêneros, pois a mulher tem mais dificuldade que os homens quando se trata de tempo para estudar, para trabalhar, para cuidar da família e para cuidarem de si mesmas.

Em relação ao acúmulo de atividades na faculdade em uma mesma semana, as três mulheres entrevistadas demonstraram que elas criam algumas estratégias, como priorizar prazos ou contar com a ajuda de familiares para cuidar dos filhos, para conseguirem realizar as atividades acadêmicas.

Eu me organizo, sabendo que já tem uma data para entregar, já vou fazendo antecipado, para que quando chegar a data combinada, eu poder entregar certinho. (Ana).

Quando tem muito trabalho, por exemplo, relatório de estágio, quando tem pesquisas, assim que são praticamente na mesma semana, eu peço para que a minha sogra ou meu esposo ficar com meu filho, para fazer essas atividades e é isso. (Milena).

Não é fácil, para mim não tem sido fácil estudar. O meu marido me ajuda muito em tudo, em tudo mesmo, ele não reclama de nada. Caso eu acorde tarde e fico com as coisas tudo acumuladas, ele vai já me ajudando, entendeu? E quando eu estou muito estressada, ele sai de perto [...] Para mim é tudo novo, no começo era muito difícil muito difícil mesmo, e eu escolhi por não ficar de licença. Não sei se a licença que fala da faculdade, eu continuei estudando, mas na verdade assim, estudando entre aspas porque não é igual. Eu ainda não tenho ânimo de assistir aos vídeos, nem nada. A minha sorte é meu marido, ele é ótimo pai, tanto ajudar em casa, como a cuidar da neném, ele é muito atencioso, muito prestativo e não deixa faltar nada. (Keila).

De acordo com Correia e Gonçalves (2019), é comum observar que, nas vivências das mulheres que são mães, trabalhadoras e estudantes, existe uma grande jornada de atividades que está relacionada às responsabilidades impostas a essas mulheres. Porém, a maior participação dos homens dentro do ambiente de casa possibilita que o casal divida igualmente as responsabilidades.

Embora as três participantes da pesquisa tenham mencionado que a preocupação com os filhos foi um dos fatores que justificaram a escolha pelo curso a distância, elas reconhecem que contam com outras pessoas para deixar os filhos quando elas precisam estudar:

Eles [filhos] já são grandes, ficam sozinhos [...] mas tenho parentes próximos a minha casa também, se precisar os parentes ajudam (Ana).

Quem fica com o meu filho na quinta-feira, que é o dia em que eu vou para a universidade, é o meu marido (Milena).

É o meu marido que fica e cuida, só tenho ele aqui na cidade. Ele me ajuda em tudo: limpar a casa, fazer comida, cuidar da neném e quando eu vou fazer as provas, ele fica com a neném para mim (Keila).

As duas participantes casadas relatam que os esposos ficam com as crianças enquanto elas vão estudar. A Keila ainda acrescenta que o marido “ajuda” em tudo nas atividades domésticas e cuidado com a filha pequena. Contudo, a afirmação de que o homem



“ajuda” em casa, reforça a ideia de que a responsabilidade pelas atividades domésticas e cuidado com os filhos é predominantemente feminina, mesmo se a mulher trabalhar fora. (SANTOS; GONÇALVES, 2022). Nesse caso, o homem é a pessoa que “colabora” com essas atividades, mas sem assumir grandes responsabilidades, pois estas continuam sendo entendidas como atribuições femininas. De acordo com Parizotto e Piccini (2015, p. 126), “As próprias mulheres, mesmo com a conquista de sua liberdade, continuam culturalmente responsáveis pelo lar, marido e filhos”, devido a uma suposta natureza biológica. Porém, “Esta naturalização da mulher como biologicamente responsável pelo trabalho doméstico, na verdade, é reflexo de uma educação diferenciada entre os dois sexos”, visto que desde a infância “[...] o menino é estimulado a ser forte, frio e corajoso, e a menina acaba sendo incitada a ser delicada, insegura e emocional”. Um exemplo dessas diferenças refere-se às brincadeiras, visto que “[...] o menino geralmente ganha bola para jogos que favorecem a agressividade da disputa e a menina recebe bonecas, jogos de cozinha, enfim, brinquedos que estimulam o caráter materno”. Portanto, são os fatores culturais que interferem nessa ideia de que trabalho doméstico é de responsabilidade feminina e que o homem é um mero colaborador.

Quanto às dificuldades vivenciadas, principalmente quando iniciaram o ensino superior, as três participantes da pesquisa tiveram respostas diferenciadas, sendo que uma se referiu ao período da separação do marido (Ana), outra comentou sobre as dificuldades em relação aos trabalhos da faculdade com o grupo de colegas (Milena) e a última comentou sobre o curso a distância e a dificuldade por não ter um professor presencialmente (Keila), como pode ser observado nos seguintes relatos:

No começo tudo foi complicado, porque toda a responsabilidade ficou em cima de mim: casa, tudo, despesas que antes era ele ficou tudo para mim, mas meu avô me ajuda muito mesmo, tive dificuldade, mas fui me adaptando. (Ana).

No começo sim, a gente teve algumas dificuldades, eu tive dificuldade, meu grupo de estudo teve dificuldades, pois eu entrei num grupo que só tinha eu que tinha acabado de sair do ensino médio e as outras pessoas do meu grupo já estava há anos sem tá estudando, então a gente teve um pouco de dificuldade sim (Milena).

Foi bem difícil, eu achei que iria ser mais fácil. Muitas vezes eu quis parar e não porque eu não tenho tempo, mas é porque eu não tenho ânimo de assistir aos vídeos, sabe? Às vezes eu penso que se fosse com o professor seria melhor, do que eu ter que estudar sozinha, entendeu? Tem que ter muita força de vontade [...]. Não leio as apostilas, nem vejo os vídeos nem nada, eu vou lá fazer a prova e não vou bem, entendeu? É puxado porque é duas provas de uma vez e a média é 7,0. Então para mim dá muito desânimo e não tenho estudado, mesmo que seja totalmente distância, não adianta, a gente não estuda (Keila).



Ao serem questionadas sobre quais ações poderiam ser implementadas na universidade para melhorar as condições de estudo, principalmente de estudantes com filhos pequenos, foi possível notar que nenhuma das participantes mencionou a possibilidade de haver uma creche, talvez porque o curso acontecia a distância e as mães estudantes iam menos vezes, ou nenhuma, para a universidade. Na realidade, elas comentaram sobre outros aspectos como ter pelo menos mais um dia de aula para tirar dúvidas com a professora, presencialmente, deixar de se preocupar com as responsabilidades da casa, dar mais importância aos estudos e voltar a fazer um curso presencial. Assim as três participantes relataram:

Talvez um dia mais de aula porque um dia só e muito pouco, um dia ou dois, mas acho que seria mais flexível na aprendizagem, porque estudar sozinha e a distância é um pouco mais complicado [...] apesar de ter acesso a distância pela internet, mesmo assim não é como se fosse presencial (Ana).

Eu acho que eu poderia deixar de fazer um pouco os afazeres domésticos, que podem esperar, né? E se empenhar mais nos meus estudos, eu acho que é uma das ações assim que melhoraria bem mais os meus estudos. (Milena).

A questão de ter muitos trabalhos para fazer em casa. Eu prefiro assistir todos os dias as aulas porque assim aprende mais. Como eu comecei na UFMS, vi que o curso a distância não era o que eu imaginava, é bem mais difícil do que eu imaginei estudar em casa. (Keila).

De acordo com Torini (2012), é muito relevante a possibilidade de as universidades oferecerem creches em seus espaços, pois, desse modo, as mães e/ou pais poderão deixar seus filhos em espaços educacionais que possibilitem a maior proteção e desenvolvimento da criança, bem como a permanência dos futuros profissionais nos cursos, colaborando para uma formação de mais qualidade, em que os pais e mães estudantes não precisem se preocupar com a segurança e educação de seus filhos/filhas enquanto estudam.

E mesmo sendo cursos a distância, a Ana, a Milena e a Keila deixam claro que optaram por essa modalidade de ensino devido aos filhos ou ao trabalho fora de casa, e que as atribuições domésticas e materna impossibilitam a maior dedicação em relação aos estudos. Ou seja, para quem é mãe e trabalha fora e ainda se responsabiliza pela casa e cursa o ensino superior, é muito difícil compatibilizar todas as responsabilidades, portanto, seria interessante que essas mulheres tivessem o mínimo de condições para estudar com tranquilidade, seja nas universidades ou mesmo em casa, a fim de que tenham uma formação de qualidade.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no estudo realizado, é possível inferir que historicamente o acesso da mulher ao ensino superior não foi fácil, mas atualmente existe a predominância de mulheres nos espaços universitários, principalmente em cursos na modalidade a distância.

Ademais, o estudo averiguou como as mulheres universitárias do curso de Pedagogia a distância que são donas de casa, mães e profissionais em outros setores, conseguem conciliar suas vivências, apesar de sua extensa jornada. Esse estudo evidenciou que a mulher que é mãe, esposa, universitária e que trabalha fora de casa tem muitas dificuldades para conciliar todas essas atividades que socialmente são atribuídas ao gênero feminino.

As três universitárias, participantes da pesquisa, optaram pela escolha de um curso superior para mudar de vida, para ter um emprego com salário mais elevado e consequentemente conseguirem ter um futuro melhor, sendo todas as respostas relacionadas ao atendimento das necessidades pessoais das três participantes. Elas também destacaram que foram influenciadas a escolher o ensino a distância devido a alguns fatores como: ter mais tempo para os filhos, trabalhar fora de casa e fazer a formação de forma flexível. O que analisamos, a partir do estudo, é a grande influência cultural machista que é imposta para mulheres, em que se espera socialmente que elas sejam as principais responsáveis pelos filhos, mesmo tendo outras atividades fora de casa, como se dedicar a uma profissão e/ou investir no seu processo de formação escolar/profissional.

Nesse sentido, outros dados da pesquisa apontaram que as mulheres universitárias, diante de tantas responsabilidades, costumam priorizar os afazeres de casa e o cuidado dos filhos, para posteriormente se dedicarem aos estudos. Refletimos a partir desses resultados que ainda há diversas desigualdades de gênero, principalmente no que se refere ao tempo e às responsabilidades domésticas. Visto que em questão de tempo a mulher tem mais dificuldade que o homem, afinal ela geralmente se dedica mais às atividades domésticas, ao cuidado dos filhos, ao trabalho fora de casa, deixando assim à margem os seus próprios estudos.

No entanto, compreendemos que as participantes da pesquisa buscam estratégias para melhor se dedicar aos estudos, tais como priorizar os prazos solicitados pelos cursos de graduação e para isso elas contam com a organização própria, antecipando trabalhos e estudando para as avaliações etc. Elas também contam com a ajuda dos pais ou dos familiares para poderem realizar as suas atividades quando necessário.

Podemos destacar que as três mulheres estudantes dividem com os membros da casa a responsabilidade, no entanto, em outro momento, percebemos em seus relatos que esses

dados divergem em alguns aspectos. Verificamos no relato de uma das participantes a ideia de que o “marido ajuda em casa” e essa concepção reforça a ideia de que a responsabilidade doméstica deve ser inteiramente da mulher. Tal fato indica que ainda predomina na sociedade um tipo de educação desigual desde a infância, visto que ainda se espera que o homem seja o provedor e a mulher se responsabilize pelos cuidados domésticos.

Outro aspecto relevante levantado na pesquisa diz respeito a como poderiam ser criadas estratégias para facilitar a permanência das mulheres estudantes na universidade, a fim de que elas tenham uma melhor qualidade de estudo. As participantes indicaram que seria melhor haver mais dias de aula, ter um professor presencial para tirar dúvidas e que gostariam de deixar mais as atividades domésticas de lado para poderem se dedicar aos estudos.

Em síntese, as questões de gênero permeiam a decisão e desenvolvimento dos estudos de mulheres universitárias que fazem cursos na modalidade a distância, evidenciando que as múltiplas funções desempenhadas por elas, simultaneamente, interferem no processo formativo, porque muitas vezes o estudo é deixado para um segundo plano, devido às diversas obrigações que precisam ser desempenhadas por estudantes do gênero feminino.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, E. **O doutoramento: a odisseia de uma fase da vida**. ed. 1. Lisboa: Colibri, 2006.
- ÁVILA, R. C; PORTES, É. A. Notas sobre a mulher contemporânea no ensino superior. **Mal-estar e Sociedade**, Barbacena, v. 2, n. 2, p. 91-106, jun. 2009.
- AIZAWA, J. T. R. A; AZEVEDO, H. M. Maternidade e a evasão laboral: alguns aspectos da licença maternidade, salário maternidade e auxílio creche. **Perspectivas em Diálogo: Revista de Educação e Sociedade**, v. 9, n. 19, p. 21-43, 5 jan. 2022.
- BARBOSA, P. Z. COUTINHO, M. L. R. **Maternidade: novas possibilidades, antigas visões**. **Revista de Psicologia Clínica**, v. 19. n. 1, p. 163-185, 2007.
- BARRETO, A. **A mulher no ensino superior distribuição e representatividade**. Cadernos do GEA, n. 6, jul./dez. 2014. Disponível em: [http://flacso.org.br/files/2016/04/caderno\\_gea\\_n6\\_digitalfinal.pdf](http://flacso.org.br/files/2016/04/caderno_gea_n6_digitalfinal.pdf). Acesso em 10. set. 2023.
- BARROSO, C; MELLO, G. O acesso da mulher ao ensino superior brasileiro. Comunicação. XXVII SBPC. **Anais...**, Belo Horizonte, 1975.
- BELTRÃO, K. I.; ALVES, J. E. D. **A reversão do Hiato de Gênero na educação brasileira no século XX**. Cadernos de Pesquisa, v. 39, n. 136, p. 125-156, jan./abr. 2009. Disponível em: <http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/277> Acesso em 10. set. 2023.

BIANCHETTI, L. **A bússola do escrever**. Desafios e estratégias na orientação e escrita de teses e dissertações. 2. ed. São Paulo/Florianópolis: Cortez / Editora da UFSC, 2006.

BORGES, J. L. G; CARNIELLI, B. L. Educação e estratificação social no acesso à universidade pública. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, v.35, n. 124, p.113-139, 2005. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742005000100007&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742005000100007&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em: 10 set. 2024.

BRASIL. Portal. **Mulheres são maioria em universidades e cursos de qualificação**, 2016. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2016/03/mulheres-saomaioria-em-universidades-e-cursos-de-qualificacao>>. Acesso em: 30.mai.2018.

CORREIO, E. S. L; GONÇALVES, J. P. Atribuições da Vida Pessoal de Jovens Adultos Universitários e Interferência no Desempenho Acadêmico. **Revista de Ensino, Educação e Ciências Humanas**, v. 20, n. 4, p. 422–429, 2019.

GIEBELEN, E; BRENNAND, E G. G; ALMEIDA, J. F. F. A.. **Educação superior a distância e a participação feminina**: caso da UFPBvirtual, v. 12, p. 349-364, 2013.

GONÇALVES, J. P.; TERNOVOE, J. S. Desafios vivenciados por mulheres universitárias de Mato Grosso do Sul, que são mães, profissionais e donas de casa. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v. 8, n. 2, p. 116-142, ago./dez. 2017.

HEIMBURG, E. V. Futuras Pedagogas Mães e Trabalhadoras do Curso de Pedagogia na Universidade do Estado de Mato Grosso - Campus de Sinop: Entre o tempo ditado pelo mercado de trabalho e o tempo necessário para educar seus filhos. **Revista Even. Pedagog.** Número Regular: Formação de Professores e Desafios da Escola no Século XXI Sinop, v. 7, n. 2, p. 415-425, jun./jul. 2016.

INEP/MEC. Dados sobre o Censo da Educação Superior. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/web/censo-da-educacao--superior>. Acesso em: 23 abr. 2019.

LAKATOS, E. M; MARCONI, M. A. **Metodologia Científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

LAUXEN, S. L *et al.* **O Ensino Superior e a Profissão de Professora**: Os Desafios da Mulher no Século XXI. 2009. Disponível em: <http://www.aforges.org/wp-content/uploads/2017/12/28-O-ensino-superior-e-a-profissao-de-professora.pdf>. Acesso em 10. set. 2024.

LUCKESI, C *et al.* **Fazer universidade**: uma proposta metodológica. 13 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

MALHEIROS, B. T. **Metodologia da pesquisa em educação**. 2ºed. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1999.

NUNES, E. C. Mulheres trabalhadoras do curso de Pedagogia do Campus Universitário de Sinop: Quais desafios encontrados? **Revista Eventos Pedagógicos Desigualdade e Diversidade étnico-racial na educação infantil**, v. 6, n. 4, p. 130-140, nov./dez. 2015.

Disponível em: <http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/viewFile/2028/1608> Acesso em: 10. set. 2022.

PARIZOTTO, A. P. A. V; PICCININ, A. Mulheres agricultoras contemporâneas: uma questão de gênero. **Pesquisa em Psicologia** - anais eletrônicos, 2015. Disponível em: [https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/pp\\_ae/article/view/8618](https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/pp_ae/article/view/8618) Acesso em: 17. set. 2024.

PEREIRA, A. C. F; FAVARO, N. A. L. G. **História da mulher no ensino superior e suas condições atuais de acesso e permanência.** In: XIII Educere, IV Sirsse e VI SIPD/Cátedra UNESCO, 2017. Curitiba: PUC/PR, 2017. v. 1. p. 5527- 5542.

SANTOS, C. A. T; GONÇALVES, J. P. Relação de Estudantes Universitárias Casadas com Seus Esposos e Implicações Acadêmicas. **Revista de Ensino, Educação e Ciências Humanas**, v. 23, n. 3, p. 343–349, 2022.

SORJ, B; FONTES, A; MACHADO, D. C. Políticas e práticas de conciliação entre família e trabalho no Brasil. **Cadernos de pesquisa**, v. 37, n. 132, p. 573–594, 2007.

SUAREZ, F. C. M. **Assimetria de gênero na academia:** A carreira profissional e a vida doméstica de docentes e pesquisadores das Ciências Exatas. 2016. 101 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa –MG, 2016. Disponível em: <http://www.locus.ufv.br/bitstream/handle/123456789/9876/texto%20completo.pdf?sequence=1>. Acesso em 10. set. 2024.

TAVARES, S. P. A. **A evolução da mulher no contexto social e sua inserção no mundo do trabalho.** Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de História da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUÍ. Ijuí, RS, 2012.

TORINI, D. M. **Formação e Identidade profissional.** A trajetória de egressos de Ciências Sociais. Programa de Pós-Graduação em Sociologia. (Dissertação de Mestrado). Universidade de São Paulo. São Paulo, 2012.

**Como Referenciar este Artigo, conforme ABNT:**

ROCHA, J. J; GONÇALVES, J. P. Questões de Gênero e Educação a Distância: A Preferência de Estudantes Universitárias por essa Modalidade de Ensino. **Rev. FSA**, Teresina, v. 22, n. 11, art. 6, p. 101-121, nov. 2025.

Contribuição dos Autores	J. J. Rocha	J. P. Gonçalves
1) concepção e planejamento.	X	X
2) análise e interpretação dos dados.	X	X
3) elaboração do rascunho ou na revisão crítica do conteúdo.	X	X
4) participação na aprovação da versão final do manuscrito.	X	X

